

Carta da Fundação

Memórias de um tempo futuro



Em 2005 nasce a AIDGLOBAL, precisamente a 4 de novembro, dois meses após ter escrito uma pequena crónica para os meus familiares e amigos sobre a experiência de voluntariado que realizara no orfanato da Divina Providência de Conhane, localizado no distrito de Chókwè, na província de Gaza, em Moçambique. Foi assim que consegui mobilizar, não só todos os que me eram próximos, como também alguns representantes da CPLP para fundarmos esta nossa Organização!

Nesse texto descrevia as aventuras vividas com as cerca de 50 crianças do orfanato, entre as quais destaco três momentos que foram fundamentais para ganhar a consciência de que o meu caminho, a partir de então, seria o da solidariedade e o da transformação social.

Nesse verão, eu e mais quatro outros voluntários tínhamos como objetivo dinamizar uma pequena ludoteca e promover atividades, nomeadamente de apoio ao estudo, de promoção da leitura, de jogos tradicionais, de atelier para construção de instrumentos musicais, ...

O nosso quotidiano era vivido em comunhão com aqueles meninos e Irmãs que sobreviviam numa confrangedora situação de pobreza extrema. O termos de ir buscar água, de cozinhar usando a única faca e colher de pau disponíveis, de tomar banho a balde eram desafios que encarávamos com um sorriso de gratidão por termos vivenciado uma outra realidade tão distante da nossa e termos podido amenizar um pouco as suas vidas!

O primeiro episódio que relembro, sempre, com emoção foi quando inaugurámos a pequenaludoteca e distribuámos balões a todas as crianças. Tinha decidido levá-los, recordando que eram uma das coisas de que mais gostava, em criança. E acertei! Neste orfanato havia uma pequenina que nunca sorria, mesmo quando estava a brincar, até que recebeu o seu balãozinho. Foi um momento inesquecível ver o seu rosto iluminar-se ... e o de todas as outras que entraram numa histeria coletiva, lançando-os ao ar, vendo-os voar, correndo para os agarrar...

Quando a comunidade, nessa mesma tarde, foi convidada a conhecer a ludoteca, um dos professores da aldeia de Conhane abriu um dicionário ilustrado e, apontando para a imagem, explicou: “ Isto é que é uma estrela-do-mar!”.

Poucos dias depois, fui encontrar uma das freiras mais novas a chorar em cima da cama, com o livro da Cinderela nas mãos. Questionada quanto à razão de tanta emoção, respondeu simplesmente: “ Mana Susana, que estória tão bonita!”. E eu, estática de espanto, nem sabia se havia de rir ou se chorar...Confrontada com situações tão extraordinárias como pungentes, no último dia da minha estadia nesse orfanato questionei-me sobre o caminho que iria seguir, após esta experiência tão gratificadamente inesquecível.

Foi, então, que me vieram à memória alguns episódios da minha infância e adolescência, que marcaram a minha vida. O acesso a outros, para além dos



livros escolares, só acontecia por altura do natal, do meu aniversário e do da minha irmã. Quem no-los oferecia era uma tia materna a quem chamávamos de “tia rica”, pois era a única familiar com poder económico para tal. E recordei, também, as vezes sem conta em que pedia balões aos meus pais e eles simplesmente diziam: “ Filha, não agora...” Eu insistia, insistia, insistia e, ocasionalmente, tinha sorte, pois, cansados da minha persistência, acabavam por ceder. Recordo, ainda, que o meu sorriso era igual ao daquela menina africana.

Por saber o quanto é importante ter acesso à leitura e, também, aos balões (sorrisos!), questionei-me sobre o que iria fazer com tudo o que tinha ali vivido e qual a minha responsabilidade para com a realidade daquelas e de outras crianças e jovens que, desprovidas de uma vida de afetos e alheias ao mais elementar, não tem acesso a um livro que lhes permita conhecer a história da Cinderela aos seis anos e não apenas aos 21!

Optei por mudar de vida, optei por abandonar uma carreira já iniciada, com a mesma persistência e obstinação com que pedia balões aos meus pais. Tenho procurado constituir-me como veículo ao serviço da leitura, do combate à iliteracia e, acima de tudo, da promoção de uma cidadania plena e ativa. Sem livros, não podemos crescer, não podemos ser senhores e donos do nosso destino, das nossas decisões, das nossas ações! Falta-nos o SABER!

Ser um cidadão comprometido exige conhecimentos! E a AIDGLOBAL está ao serviço da Educação. Foi esses, também, um dos grandes norteadores a que nos

obrigámos, aquando da sua fundação, em 2005, tendo em vista um mundo mais justo, sustentável e risonho!

E ao terminar esta partilha, só me resta confidenciar-vos: Estou feliz, porque SIM!!!

Susana Damasceno

